

Aldo Manuzio (Bassiano, Lácio, Estados Papais, ca 1450) tanto pode ser classificado como um Humanista que se transformou em tipógrafo, como um tipógrafo que se formou pelo gosto e interesse no estudo e na divulgação dos clássicos; imprimiu o conjunto de textos inaugurais da cultura ocidental, na língua original – quer fosse o latim, quer fosse o grego clássico. A passagem do quinto centenário da sua morte, que ocorreu em Veneza, a 6 de fevereiro de 1515, está a ser evocada nas principais Bibliotecas do mundo.

A Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e a Universidade Nova de Lisboa – através do Centro de Estudos Históricos (CEH) e do Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar (CHAM) – associaram-se em torno dessa mesma efeméride, organizando uma mostra da obra dos prelos venezianos aldinos – escolhida entre o acervo da BNP – e de um seminário.

O repertório atribuído à oficina de Aldo Manuzio, impresso durante a sua vida, está contabilizado em 131 obras, das quais são guardadas pelas Biblioteca Pública de Évora, uma, e pela Biblioteca Nacional de Portugal, 30, em 45 volumes distintos. Conserva ainda a BNP duas contrafações realizadas em Lyon (França).

Dessas 31+2 obras escolheram-se 12 de entre aquelas que constituem, na nossa ótica, *marcos* da atividade e inovação dos prelos de Aldo Manuzio e que ajudam a reconhecer e a divulgar o trabalho deste grande Humanista.

Escolhemos como mote principal da mostra o *itálico* ou *cursivo*. Em setembro de 1500, em Veneza, é impresso na Casa de Aldo Manuzio a correspondência de Catarina de Siena, a freira dominicana canonizada e nos dias de hoje aceite como Doutora da Igreja. A obra inclui uma gravura da Santa, idealizando uma das muitas experiências de êxtase do seu casamento místico com Jesus, trocando com ele o seu coração.

Poderia ser um livro, um simples livro ilustrado, como muitos dos outros que eram impressos na cidade italiana. Porém a gravura apresenta três frases escritas - «*iesu dolce; iesu amore; iesu*» - numa letra diferente de todas as outras que a tipografia experimentara e conhecera até então: *uma letra levemente inclinada à direita*, um *ductus* que Aldo Manuzio desenhara e fizera abrir pelo gravador Francesco Grifo e que ajudava a expressar e a destacar o *êxtase sentido pela santa*. Um tipo novo que depressa começou a correr mundo e que hoje é conhecido como *itálico*. Uma forma de letra que no meio de um texto extenso se destaca e chama a atenção do leitor.

Mas Aldo Manuzio não se limitou à invenção do *itálico*: aperfeiçoou o parque tipográfico em caracteres gregos que até então só ensaiara dar pequenos passos (incluindo nesse parque capitulares de grandes proporções); desenhou um novo corpo romano, o R:114, que permitiu a impressão de livros em formatos anteriormente quase só reservados a livros de devoção (in 8.<sup>o</sup>); inventou o «índice» dos livros; realizou obras ilustradas que se transformaram em livros de prestígio, de conhecimento, de estudo, de divulgação e de sonho.

Ao passar o quinto centenário da morte de Aldo Manuzio (ca 1450-1515), o homem que ajudou a transformar a tipografia em arte, esta mostra evoca não só o tipógrafo e humanista, mas também as suas *inovações* como grandes legados deixados à humanidade.

João José Alves Dias  
Comissário da Exposição